

Porque não podemos proibir a caça do javali no Brasil

Categories : [Colunistas Convidados](#)

A única espécie animal cuja caça é permitida por lei hoje no Brasil é a do javali. Ainda assim, sob a premissa de controle populacional. Com exceção de caça de subsistência e científica, demais modalidades de caça estão suspensas ou proibidas no país. Aquele que for pego caçando outra coisa que não o javali deve prestar contas à justiça pelos seus atos e não virar [bode-expiatório](#) para a proibição à caça do javali.

Relatos da invasão de javalis no Brasil remontam a década de 1980. Mas foram nos últimos dez anos que eles mostraram realmente que chegaram pra ficar: uma espécie com potencial invasor sem precedentes, ameaçando a biodiversidade brasileira por competir por recurso e espaço com as espécies nativas e por promover alterações físicas profundas nos habitats, além de serem destruidores da agricultura e pecuária, hospedeiros e vetores de zoonoses e de doenças de importância econômica, o que só agrava sua insustentabilidade socioambiental quando fora de controle.

A declaração da nocividade dos javalis (IN 03/2013 do IBAMA) era evidente e nem precisaria ter esperado chegar à situação que chegou o Brasil hoje para fazê-lo – são mais de 1500 municípios afetados em todas as regiões do país. Uma vez sob esse status, seu controle deveria estar imediatamente autorizado como previsto em lei federal. Mas o paradigma vigente da gestão de fauna no país e a burocracia parecem agir no sentido de proteger o javali. Por exemplo, o [sistema informatizado](#) preparado pela EMBRAPA e cedido ao MMA – o SIMAF – não foi implantado até hoje, pois, lá no IBAMA, o gabinete responsável seria contra a caça e por isso não quer ver funcionando algo que beneficiaria a gestão do problema. É inconcebível ainda dependermos de um sistema de gestão ultrapassado.

Há muito diletantismo nas discussões sobre como controlar javalis. Os termos ‘erradicação’ e ‘esterilização’, por exemplo, revelam o raso conhecimento do problema por parte de quem os recomenda. As experiências de sucesso de erradicação de javalis pelo mundo são raras, e ocorreram na sua maioria em ilhas onde a recolonização natural é quase impossível devido ao isolamento. Não existe até hoje solução prática e viável do problema em escala continental que envolva esterilização. Por isso, no geral, se fala em controle populacional e mitigação de impactos.

Quando falamos de programas de controle de javalis em escala continental como a brasileira, devemos olhar para experiências similares ao redor do mundo. A caça de controle é recomendada em todos os países afetados pelo problema e não capricho de pesquisadores, caçadores e gestores ambientais tupiniquins. O conflito de interesses dessa estratégia é evidente: caçadores não estão interessados no extermínio da população, o que poderia significar o fim de sua atividade. Porém, assim como a caça predatória – e não regulamentada – leva espécies nativas à

extinção, a caça do javali pode ter efeito similar na redução da densidade e crescimento populacional.

“A caça de controle é recomendada em todos os países afetados pelo problema e não capricho de pesquisadores, caçadores e gestores ambientais tupiniquins.” Técnicas aditivas são necessárias. Armadilhas currais, por exemplo, podem aprisionar bandos inteiros e ter um efeito ainda maior na redução das populações. No entanto, não se pode subestimar os javalis: se não operada corretamente, os animais tem grandes chances de aprender que as armadilhas são um risco e jamais cairão na arapuca.

[Acredita-se](#) que as populações de javalis na Europa – continente de sua distribuição nativa – crescem a uma taxa de 5% a 15% anual, o que significaria uma população 2 vezes maior do que é hoje em apenas 5 a 15 anos. E por lá existem pelo menos 7,5 milhões de caçadores ativos. Por aqui contamos com um efetivo de cerca de 30 mil caçadores regulamentados, uma fração de 0.5% da Europeia, apesar da pouca diferença em extensão territorial. Não obstante, a EFSA (a autoridade europeia em saúde animal) [recomenda](#) o recrutamento de novos caçadores como estratégia para diminuir as densidades populacionais dos javalis por lá.

Diferentemente da Europa, os javalis no Brasil são em sua maioria híbridos do cruzamento com o porco doméstico, podendo apresentar crescimento populacional ainda maior, pois podem ter herdado do porco a capacidade de gerar proles mais numerosas. Aliado à isso, o ambiente, as lavouras e os rebanhos brasileiros proporcionam alimento em abundância o ano todo, o que acelera ainda mais o crescimento e expansão do javali no país. Qualquer controle que queira frear o crescimento populacional desses animais deve objetivar a remoção anual de 65% da população. Se com caçadores já é difícil, que dirá sem eles.

O Brasil precisa parar de perseguir os poucos caçadores legalizados e treinados a controlar javalis que existem e que nos prestam esse serviço gratuitamente. Enquanto discutimos se é certo ou não caçar, e quais os inúmeros documentos que os controladores devem ter para fazer o abate, os javalis prosperam. O risco de uma crise econômico-ambiental de larga proporção é iminente.

Este é um problema que vai de ambientalistas à pecuaristas. Se o cenário de gestão do problema dos últimos anos prevalecer no futuro, seremos testemunhas do agravamento dos danos econômico-ambientais e dos riscos para a saúde humana. Esperamos que recomendações técnicas e científicas norteiem a tomada de decisões e que possamos tratar deste assunto com a seriedade que merece.

Leia Também

<https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/a-proibicao-da-caca-do-javali-em-sao-paulo-e-a-ditadura-dos-falsos-protetores/>

<https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/fantastico-erra-feio-ao-demonizar-caca-ao-javali/>

<https://www.oeco.org.br/noticias/26890-autorizada-a-caca-de-javali-europeu-em-territorio-brasileiro/>